

## SOBRE O FANATISMO, OU, DO HOMEM COMO IDEOLOGIA DA DESUMANIZAÇÃO

[ON FANATICISM, OR, OF MAN AS AN IDEOLOGY OF DEHUMANIZATION]

Oneide Perius \*  
Universidade Federal do Tocantins  
Fábio Caires Correia \*\*  
Rafael Furtado da Silva \*\*  
Universidade Católica de Tocantins

**RESUMO:** O objeto de análise deste estudo é o fenômeno do fanatismo em sua especificidade contemporânea. Pretendemos ir além das leituras estritamente psicológicas do problema. Ao invés disso, entendemos o fenômeno como um sintoma social resultante de um longo processo de danificação, adoecimento e, por fim, esvaziamento dos sujeitos. Em outras palavras, o fanatismo não é autoexplicativo e nem sequer pode ser explicado apenas a partir de elementos meramente psicológicos. Revelar a estrutura social que torna possível a emergência do fanatismo em sua especificidade contemporânea é, em última análise, o objetivo deste artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fanatismo; Subjetividade; Sociedade; Violência; Teoria Crítica.

**ABSTRACT:** Abstract: The object of analysis of this study is the phenomenon of fanaticism in its contemporary specificity. We intend to go beyond the strictly psychological readings of the problem. Instead, we understand the phenomenon as a social symptom resulting from a long process of damage, illness and, finally, the emptying of the subjects. In other words, fanaticism is not self-explanatory and cannot even be explained from merely psychological elements. Revealing the social structure that makes possible the emergence of fanaticism in its contemporary specificity is, ultimately, the aim of this article.

**KEYWORDS:** Fanaticism; Subjectivity; Society; Violence; Critical Theory.

\* *Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Realizou estágio pós-doutoral pela mesma Instituição. É professor Associado no curso de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, UFT (Campus de Palmas), e no Mestrado Profissional em Prestação Jurisdicional e Direitos Humanos (UFT/ESMAT), no Mestrado Profissional de Filosofia da UFT (PROF-FILO/UFT). E-mail: oneideperius@mail.uft.edu.br.* \*\* *Pesquisador Associado à Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade (UCB/UNESCO). Coordenador da Cátedra "Derechos humanos y violencia: gobierno y gobernanza" (UNESCO/UniCatólica/Uni.Externado-Colômbia). Doutor em Filosofia (2020) -Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É atualmente Professor, Coordenador de Pesquisa e Extensão (CPEX) e de Pastoralidade no Centro Universitário Católica do Tocantins (2021) e Professor Colaborador do Mestrado Profissional de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, UFT. E-mail: juanfabiogestor@gmail.com.* \*\*\* *Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Bolsista de Mestrado pela CAPES. Linha de pesquisa: História e Políticas da Educação. E-mail: rafasil6@gmail.com*

## 1 - INTRODUÇÃO

*O crescimento do fanatismo pode ter relação com o fato de que quanto mais complexas as questões se tornam, mais as pessoas anseiam por respostas simples. Fanatismo e fundamentalismo muitas vezes têm uma resposta com uma só sentença para todo o sofrimento humano. O fanático acredita que se alguma coisa for ruim, ela deve ser extinta, às vezes com seus vizinhos.*

(OZ, Amós. 2015)

O fanatismo é, indiscutivelmente, um conceito de importância central para compreender a nossa época. E talvez a frase de Amós Oz, em epígrafe, nos ofereça uma pista para a compreensão deste estado de coisas. As sociedades modernas caracterizam-se pelo abandono de um mundo estruturado em torno de um conjunto de valores provindos de uma única fonte. A crescente desagregação das comunidades tradicionais em favor de sociedades cada vez mais complexas gera, desde o início da era moderna, reações entusiásticas que pretendem restaurar a suposta simplicidade perdida. Portanto, ainda que o fanatismo não seja algo novo, em nossa época está muito ligado com movimentos de crítica da racionalidade moderna e suas consequências.

Hegel, em consonância com isso, localiza o fanatismo, no âmbito de sua obra *Princípios da Filosofia do Direito*, como uma vontade que permanece no momento da pura indeterminidade, isto é, na pura abstração. Ou seja, uma vontade que não se reconhece na realidade efetiva. Uma vontade de não fazer parte e, como consequência, uma negação abstrata da realidade que rapidamente se torna “fúria destruidora” (HEGEL, 1997, p. 14). Em outras palavras, se a realidade efetiva implica relações sociais complexas e de modo nenhum simples, o fanático vê na própria realidade a degeneração de um ideal que, justamente por nunca deixar de ser um puro ideal, nunca entra no palco da história. Ele briga, portanto, em nome de uma quimera. E todos sabemos como é difícil demover alguém de tal crença.

Portanto, o fanatismo no mundo contemporâneo não é mais algo exclusivamente de caráter religioso. Talvez nunca tenha sido. Pode-se recorrer a ele para explicar uma série de grandes eventos, tais como atentados terroristas e massacres, bem como eventos cotidianos tais como a crescente incapacidade para o diálogo, a intolerância, a discriminação em relação a toda e qualquer pessoa que seja vista como diferente. Até mesmo nas redes sociais, que passam cada vez mais a fazer parte de nosso cotidiano, as subjetividades fanatizadas impõem dinâmicas de perseguição e linchamento virtual de forma cada vez mais recorrente. Sob a autoridade de padrões estabelecidos e aceitos como verdades absolutas, os sujeitos contemporâneos passam a reduzir a realidade a um conjunto de classificações extremamente simplórias: nós contra os outros; o bem contra o mal. As nuances da realidade e sua complexidade são reduzidas a uma verdade única que alimenta a atual “fúria destruidora”.

O fundo idolátrico destes comportamentos é outro elemento necessário de ser observado. Uma adesão total, como se fosse uma espécie de culto, faz com que as fragilidades e angústias subjetivas sejam compensadas com uma atitude mimética de desaparecimento na ideia da qual se faz uma apologia total. Nada, para além desta ideia, pode ser real. Múltiplas teorias da conspiração se apresentam neste momento como soluções para que o caráter abstrato e quimérico da sua verdade não perca a efetividade. Tal como em toda atitude idolátrica, a potência da ação deixa de estar no sujeito e passa a ser celebrada na ideia da qual este sujeito se torna porta-voz. Pode-se lembrar aqui do

célebre relato bíblico onde, depois de muitos anos no deserto, o povo cansado da complexa realidade de busca pela terra prometida, aproveita uma breve ausência de seu líder para dar corpo a um objeto de culto que, milagrosamente, deveria ter o papel de tirá-los daquela situação. Ou seja, transfere-se a potência da ação para algum objeto ou ideia que a partir de determinado momento passa a agir sobre o ser humano. Como bem destaca Ricardo Timm de Souza (2020, p.12): “O homem, ao invés de se servir da inteligência em função do mundo, passa a viver em função de pretensas imagens que uma inteligência *misteriosa* e mágica – a da sociedade administrada, da indústria cultural (...) – gera e revigora constantemente.” Se torna, portanto, fantoche nas mãos deste objeto ou desta ideia reverenciada. “O fanático é um ponto de exclamação ambulante” (OZ, 2016)

No entanto, não pretendemos fazer deste artigo uma simples descrição das subjetividades fanatizadas e de seus efeitos sociais. Ao invés disso, entendemos este estado de coisas como um sintoma social resultante de um longo processo de danificação, adoecimento e, por fim, esvaziamento dos sujeitos. Em outras palavras, o fanatismo não é autoexplicativo e nem sequer pode ser explicado apenas a partir de elementos meramente psicológicos. Revelar a estrutura social que torna possível a emergência do fanatismo em sua especificidade contemporânea, é o objetivo deste estudo.

A referência central para o trabalho será, portanto, a teoria crítica da sociedade. Nesta perspectiva teórica, como é sabido, preza-se pela leitura dialética da realidade. Isto é, qualquer fenômeno isolado precisa ser compreendido a partir de sua pertença a uma lógica social, a uma totalidade que o torna inteligível. Nas palavras do próprio Theodor Adorno, um dos expoentes da teoria crítica, percebemos isso muito claramente:

A psicologia totalitária reflete o primado de uma realidade social que produz seres humanos tão insanos quanto ela própria. A insanidade, entretanto, consiste em que os seres humanos aprisionados funcionam apenas como agentes de uma realidade todo poderosa; em que sua psicologia configura tão somente estações de parada dessa tendência da realidade. (ADORNO, 2015, 196)

Nosso estudo se estrutura, a partir do objetivo posto, em dois momentos. Primeiramente procuraremos conceitualizar o fanatismo e apontar para as ramificações deste conceito na atualidade. Em seguida, nos rastros da teoria crítica, procuraremos apresentar uma compreensão objetiva da subjetividade fanatizada. Isto é, mostrar a dinâmica social e histórica que constitui a condição de sua emergência. A hipótese central da qual parte o presente estudo, portanto, é a de que é insuficiente caracterizar o fanatismo contemporâneo como uma doença ou distúrbio psicológico, ou nas palavras de Cioran, como a “lepra lírica que contamina as almas” (CIORAN, 1989, p.12). Se os efeitos sobre as subjetividades podem ser evidenciados é porque há uma dinâmica social que atua sobre estas. Uma explicação objetiva e social e não meramente subjetiva para o fanatismo é o que se procura.

## 2 - FANATISMO: MEANDROS DO CONCEITO E SUAS RAMIFICAÇÕES

Um dos primeiros aspectos que se faz necessário observar é a origem etimológica do termo fanatismo. E neste sentido parece-nos muito pertinente a análise proposta por Alberto Toscano em seu livro *Fanaticism: Of the uses of na Idea*:

O termo fanatismo propriamente dito (*Fanatismus, fanatisme*) deriva do termo romano *fanum*, referindo-se a um lugar sagrado (o contrário disso é o profano, e o ato de desrespeitar o *fanum*, a profanação). Em particular, *fanatici* foi o nome dado aos seguidores da deusa da Capadócia Comana, apresentada a Roma como Bellona. 'Ao celebrar o festival da deusa, eles marcharam pela cidade em roupas escuras, com gritos selvagens, soprando trombetas, batendo címbalos e tambores, e no templo infligindo feridas a si mesmos, fazendo jorrar o sangue como oferenda à deusa'. Sem se envolver em falácias genealógicas – como veremos, há muitos usos do fanatismo que têm pouca relação com este modelo de culto – nesta origem do termo podemos ver o sinal não apenas de uma ligação com a religião, mas de uma preocupação com a religião do outro (Bellona não era o culto do Estado, mas havia sido trazida de volta por legionários de suas campanhas na Anatólia) (TOSCANO, 2017, p. 16-17).

Dessa maneira, Toscano localiza um elemento ainda mais decisivo na compreensão do termo fanatismo do que o simples vínculo com a esfera religiosa. O que desde o início está presente neste termo é uma violência originária contra o outro, contra a religião e as formas de culto *dos outros*. E, além disso, como fica evidenciado na citação, o termo também cumpre um papel no sentido de desqualificar a posição ou o comportamento de alguém que não consigo compreender. Propõe-se, dessa maneira, uma ampliação do horizonte de significados do termo. Não se trata apenas de repetir a velha fórmula onde o fanatismo, de fundo religioso, se opõe à racionalidade de forma intransigente. Trata-se de perceber, também, em que medida as próprias construções racionais do ocidente muitas vezes estão baseadas em lógicas de violência e negação do outro. Ou seja, em outras palavras, como o fanatismo está muito mais incrustado na formação das nossas visões de mundo do que poderíamos admitir.

Esta perspectiva, em outras palavras, muda significativamente a direção da análise. Se frequentemente o fanatismo é situado como um conceito que aponta para elementos que estão fora da “normalidade” social, isto é, como um conjunto de formas regressivas e mesmo primitivas que teimam em não aceitar a construção racional de uma sociedade esclarecida, o que queremos propor aqui é uma leitura um tanto diversa. E isto por um motivo fundamental. Ao pressupor que o fanatismo é um elemento exterior, uma mácula que aos poucos está sendo eliminada do tecido social, perde-se grande parte do potencial analítico do próprio termo. Pois, em tal leitura, fanáticos serão sempre os outros. Perceber a imanência de tal problema nas sociedades liberais contemporâneas parece ser o desafio.

Estamos em guerra há muito tempo. Esse nos parece ser um primeiro ponto a se considerar. Nossos conflitos sociopolíticos estão aumentando e suas consequências psicossociais estão se tornando mais graves. A cada dia surgem novas leituras que buscam explicar esse fenômeno tão devastador para a subjetividade. Nossa subjetividade tem se constituído em meio a uma profunda crise humanitária, na maioria das vezes despercebida como consequência da guerra psicológica que consegue naturalizar o uso da violência política para justificar o desaparecimento da diferença. Todos nós sabemos sobre os horrores da guerra em geral. Especialmente por causa das histórias e imagens que nos chegam desde outros espaços, como a Alemanha nazista, o genocídio no Vietnã ou os massacres contra o povo palestino. Histórias e imagens altamente manipuladas a partir de sofisticados dispositivos de poder que constituem um uso da imagem da barbárie em favor daqueles que a perpetram. É o manejo ideológico (e cruel) dos símbolos de morte e destruição por quem decreta precisamente morte e destruição. Na manipulação da imagem deixada pela violência, percebe-se a relação perversa do agente

da violência. Precisamente porque eles têm os meios para banalizar os efeitos da violência para formar massas atordoadas. A falsificação da realidade é constante em um clima de violência política generalizada.

A reificação, graças à qual a estrutura de poder, possibilitada unicamente pela passividade das massas, aparece às próprias massas como uma realidade indestrutível, tornou-se tão densa que toda espontaneidade e, mesmo, a simples ideia da verdadeira situação tornou-se necessariamente uma utopia extravagante, um desvio sectarista. A aparência ficou tão espessa que a possibilidade de devassá-la assumiu o carácter da alucinação. Escolher um *ticket*, ao contrário, significa adaptar-se a uma aparência petrificada como uma realidade e que se prolonga a perder de vista graças a essa adaptação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.191).

Desde a consciência magicizada, própria de um fanático, o sujeito é capaz de ver o que está acontecendo, mas se recusa a aceitá-lo. Em uma consciência magicizada, o sujeito cai em uma espécie de torpor coletivo do qual não é fácil sair devido aos sofisticados dispositivos de controle. Em uma consciência magicizada, a construção de sentido é manipulada a ponto de configurar estados de fanatização irracional em que a realidade é assumida passivamente como algo dado e inquestionável. Tudo isso é típico de um estado totalitário, como deixa claro Hannah Arendt. Em *Origens do totalitarismo*, diz Arendt:

O fanatismo dos movimentos totalitários, ao contrário das demais formas de idealismo, desaparece no momento em que o movimento deixa em apuros os seus seguidores fanáticos, matando neles qualquer resto de convicção que possa ter sobrevivido ao colapso do próprio movimento. Mas, dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte (ARENDDT, 2009, p. 357).

A radicalização da intransigência e a polarização ideológica como expressões comuns da violência política instalaram uma incapacidade afetiva de reconhecer, aceitar e respeitar a diferença. A subjetividade é colonizada por referentes simbólicos de morte e destruição. Política da morte, diria Achille Mbembe (2018). Os níveis de tensão psicossocial aumentam e são resolvidos de forma ilegítima por quem age como detentor do poder, deixando uma sensação de impotência desestruturante. Tudo isso são sintomas de um Estado totalitário, suicidário (SAFATLE, 2020) sobre o qual – em algum momento – a *teoria* deve se pronunciar desde a imanência que lhe é própria. Como Adorno expressou há décadas, os pressupostos sociais objetivos que propiciaram o fascismo – que utiliza o fanatismo como combustível – ainda existem. E isso tem um impacto impressionante na subjetividade.

### 3 – O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O FANATISMO

A hipótese fundamental de que se ocupa este estudo, como já anteriormente mencionado, é de que à luz da teoria crítica seja possível chegar a uma compreensão melhor do fenômeno do fanatismo em sua manifestação contemporânea. E isto, especialmente, pela seguinte razão: partindo de uma realidade social complexa, no interior da qual o indivíduo e seus dramas se tornam visíveis, pretende-se estruturar uma

teoria que esteja à altura das exigências impostas por tal objeto de análise. A tradição dialética, assim, surge de forma extremamente potente como fonte para tal esforço de compreensão. Sabe-se que a teoria dialética – não pretendemos aqui desconsiderar ou anular as especificidades de cada uma de suas formulações – é fundamentalmente uma leitura da realidade a partir das relações que a constituem. Em oposição aos procedimentos, por exemplo, da metafísica tradicional, que pressupunha a possibilidade de um discurso direto e imediato sobre algum elemento da realidade, como se nele residisse uma essência imutável passível de ser identificada, a teoria de caráter dialético é radicalmente antimetafísica. Pensar a realidade a partir das relações que a constituem significa, em última análise, partir da primazia de tais relações. Os elementos, sujeitos ou coisas, somente são pensáveis no interior delas. Em síntese, isto significa que cada um dos elementos particulares da realidade somente será acessível ao conhecimento a partir da mediação de seu outro.

Neste sentido, ao invés de um quadro mecânico onde diferentes elementos são definidos para além da história e das relações sociais, a teoria dialética pretende captar os movimentos e as dinâmicas que tornam legíveis, ainda que provisoriamente, certas formações objetivas nas quais o indivíduo está inserido.

Partimos aqui da categoria de “indivíduo” ou “sujeito”. E temos plena consciência de que na tradição filosófica estes dois termos não têm o mesmo sentido. Ainda assim, o indivíduo, nas teorias de caráter atomista do liberalismo contemporâneo, assume o papel de sujeito. Isto é, cola-se nele a etiqueta de realidade última e irreduzível a partir da qual a realidade social começa a se configurar. A suposta liberdade do indivíduo, ademais sempre celebrada, seria a garantia de legitimidade da ordem social.

No entanto, a partir desta perspectiva, duas questões parecem se impor imediatamente. A primeira, um aparente paradoxo: nas sociedades contemporâneas, quanto mais se celebra o indivíduo, quanto maiores parecem se tornar os discursos e exigências de individualidade e autenticidade, mais as lógicas de massificação se tornam potentes. Nas palavras de Adorno, “O homem é a ideologia da desumanização (*Der Mensch ist die Ideologie der Entmenschlichung.*” (ADORNO, 1972, p.452). Em outras palavras, de acordo com a precisa formulação que consta em seus *Minima Moralia*:

Há, contudo, muito de falso nas considerações que partem do sujeito acerca de como a vida se tornou aparência. Porque na atual fase da evolução histórica, cuja avassaladora objetividade consiste apenas na dissolução do sujeito, sem que dela tenha nascido nenhum novo, a experiência individual apoia-se necessariamente no velho sujeito, historicamente condenado, que ainda é para si, mas já não em si (ADORNO, 1980, p. 14).

Há, portanto, dois elementos que saltam à vista com relação a esta primeira questão. Primeiro, há um processo de encobrimento das lógicas massificadoras e desumanizadoras através de uma radicalização da celebração do sujeito, do indivíduo como herói e como promessa. Em segundo lugar, percebe-se a emergência de um conjunto de análises sobre a inautenticidade de nossa época partindo da perspectiva de um sujeito que vê a si mesmo como a medida de todas as coisas, mesmo cada vez mais esmagado por um aparato social no qual é apenas uma engrenagem.

A segunda questão, anteriormente anunciada, diz respeito à necessária percepção de atuação de forças sociais na esfera mais íntima dos indivíduos. O sujeito contemporâneo, para dizê-lo de outro modo, interioriza lógicas sociais. Algo como uma interioridade pura e imediata, não afetada pelo lugar que este ocupa, se desfaz rapidamente ante uma análise mais rigorosa. E este processo tem o inevitável impacto de

provocar um esvaziamento e desintegração do indivíduo. A seguinte formulação de Max Horkheimer é bastante instrutiva neste sentido:

Todos os meios da cultura de massas servem para reforçar as pressões sociais sobre a individualidade, evitando todas as possibilidades de que o indivíduo se preserve de algum modo em face dos mecanismos pulverizadores da sociedade. A acentuação do heroísmo individual e do *self made man* nas biografias e nos romances e filmes pseudo-românticos não invalidam essa observação. Esses incentivos mecânicos de autopreservação na verdade aceleram a dissolução da individualidade. (HORKHEIMER, 2002, p.162)

O filósofo alemão aponta, neste trecho, para a forte pressão da lógica que estrutura a sociedade capitalista contemporânea sobre as individualidades. Vejamos, na sequência, como o mesmo autor analisa o impacto e a reação do indivíduo diante disso:

Através da repetição e imitação das circunstâncias que o rodeiam, da adaptação a todos os grupos poderosos a que eventualmente pertença, da transformação de si mesmo de um ser humano em um membro da organização, do sacrifício de suas potencialidades em proveito da capacidade de adaptar-se e conquistar influência em tais organizações, ele consegue sobreviver. A sua sobrevivência se cumpre pelo mais antigo dos meios biológicos de sobrevivência, isto é, o mimetismo. (HORKHEIMER, 2002, p. 146)

No interior das sociedades do capitalismo industrial do pós-guerra, analisado neste trecho por Horkheimer, mas ainda com mais ênfase no capitalismo neoliberal da época atual, o princípio organizador da realidade é a competição universalizada. Todos contra todos. Ninguém está protegido – aliás, as proteções típicas do *welfare State* vão sendo, pouco a pouco, eliminadas. Neste contexto, a insegurança de um espaço social inóspito e cruel exige dos indivíduos adesão total em troca da promessa de sobrevivência. O indivíduo fragilizado, em outras palavras, mimetiza a lógica violenta e excludente dessa sociedade para não encerrar a ameaça de desintegração de sua própria individualidade.

Evidencia-se, dessa maneira, uma conclusão prévia que tem basicamente duas premissas fundamentais que a sustentam. A primeira delas é a explicitação de uma enorme pressão da lógica social sobre o indivíduo, levando conseqüentemente a um enfraquecimento deste. Isto é, aquilo que não seria divisível – indivíduo – é, na verdade, completamente transpassado por dinâmicas externas. A segunda premissa é a de que, quanto mais fragilizado se encontra esse indivíduo, ou seja, quanto menos ele é verdadeiro enquanto princípio, tendo em vista que resulta apenas em uma *monada* que em seu microcosmo é determinada pelo macrocosmo econômico-social, tanto mais necessária é a sua celebração. A “cisão psicológica”, ou então, “substituição mentirosa do individual pelo estereotipado” (ADORNO, 1985, p.146) exige um esforço tremendo para ser mantida encoberta. Em outras palavras, a sociedade que busca legitimação no discurso da liberdade individual, encobre o desaparecimento deste mesmo indivíduo com uma sofisticada farsa ideológica.

A conclusão prévia a que se chega a partir disso é a de que a mentira social – o todo falso de Adorno – se mantém por meio do encobrimento da pulverização e desaparecimento do indivíduo. E este, por sua vez, mantém-se acreditando na sociedade em que se encontra pois acredita que na realidade a está modificando e construindo. Na verdade, no entanto, não há vida verdadeira no interior do falso. (ADORNO, 1980, p.43). Ou seja, os processos de constituição de subjetividades em uma sociedade excludente e violenta jamais podem levar a outro lugar a não ser a apologia e o

conformismo para com ela. Nas palavras de Adorno (1985, p.156):

As mais íntimas reações das pessoas estão completamente reificadas para elas próprias que a idéia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais do que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis aí o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem.

A partir disso se faz necessário dar o próximo passo na argumentação. Isto é, mostrar claramente como este indivíduo fragilizado, que mimetiza lógicas sociais para sobreviver, adere ao fanatismo em suas diferentes manifestações. Desde o começo do século XX, para nos ater ao universo das sociedades contemporâneas, incontáveis eventos violentos e traumáticos convulsionaram a história. Em todos eles houve grande engajamento das massas. Ou seja, estes indivíduos isolados uns dos outros, fragilizados em sua estrutura psíquica por ser deles exigida uma mimese perversa de adaptação, foram presas fáceis e frequentes de movimentos totalitários violentos cuja agenda fundamental era sempre a anulação do *Outro*.

#### 4 - FANATISMO: UMA AVERSÃO AO DIFERENTE OU AO NÃO-EU

Para dar continuidade à discussão, partimos de uma análise histórica e social do fenômeno da fragilidade psíquica e social dos indivíduos com relação ao fanatismo, uma vez que as diversas crises que adentram a sociedade moderna contribuíram com a formação de indivíduos incrédulos não somente na religião, mas também na política e de sujeitos que vivem somente para o trabalho, principalmente, em uma sociedade fundamentada na produção-consumo que seduz os sujeitos e os torna dóceis e maleáveis, isto é, sem o tempo necessário para refletir sobre a relação com os outros e consigo mesmo. Nesse contexto, fortalece-se a imagem dos seres humanos isolados que segundo Arendt (1999), vivem em meio à multidão, mas sentem-se sozinhos. Estão adeptos ao encantamento do mercado, à publicidade (elemento de persuasão) e aos discursos midiáticos na disseminação do fanatismo.

A rigor, estamos ante uma estrutura social que retira os indivíduos do mundo, do espaço do diálogo e da pluralidade e reconhece o espaço privado (o lar) como lugar de fuga do estresse ou como anexo do trabalho e usa dos diferentes meios de comunicação – como instrumentos de descanso –isto é, de distração de si e dos outros. A partir dessa perspectiva, entende-se que é complexo discorrer sobre o fanatismo sem uma análise crítica e minuciosa dos elementos históricos, econômicos e políticos que fortalecem tal fenômeno do indivíduo sem tempo, cansado e indiferente. Ao discorrer sobre a questão do ritmo acelerado dos seres humanos e ausência do tempo como instrumento racional, Rosa (2019, p. 33) assegura que:

a transformação acelerada das condições de vida, instituições e relacionamentos, ou seja, a aceleração da mudança social, apresenta aos indivíduos o problema de terem que planejar suas vidas a longo prazo para dar-lhes uma certa estabilidade resistente ao tempo, sem, no entanto, poderem fazê-lo de forma racional em face da crescente contingência das relações social.

Trata-se aqui, portanto, da presença de uma grande massa de pessoas preocupadas somente com a própria sobrevivência, indiferentes aos diversos sofrimentos

e capazes de cometer atrocidades. São sujeitos que por não ter tempo para o exercício do pensar sobre suas ações e sobre si mesmo podem aderir a projetos totalitários e multiplicar os discursos de ódio contra os negros, as mulheres, os homossexuais, os índios, os estrangeiros.

Forma-se uma sociedade do indiferente, do insensível e do consumidor e, concomitantemente, afirma Gramsci (2020, p. 32), “[...] da massa de homens que abdicam de sua vontade, deixam acontecer, permitem o entrelaçamento de nós que posteriormente apenas a espada pode romper, aceitam a promulgação de leis que depois só a revolta pode revogar”. Sendo assim, em meados do século XX, o fanatismo se propaga por intermédio da apatia e da indiferença dos próprios sujeitos para com uma construção racional e refletida sobre sua própria identidade. Trata-se da imagem do *homo oeconomicus*, centrado na questão financeira, em um período histórico arraigado em regimes políticos totalitários. Aqui, encontra-se um sujeito isolado e mecanizado que, simplesmente, obedece às regras e segue o ritmo acelerado das máquinas. E ao mimetizar esta estrutura ameaçadora e violenta, ele próprio se afirma a partir da negação do outro.

Pensar esse sujeito como vulnerável ao fanatismo, na sociedade moderna, implica uma análise das relações humanas e das transformações sociais, i. é, da maneira como estamos nos relacionando com os outros e com a natureza. O que se passa resulta tanto da aceleração do tempo dos sujeitos para conseguir alcançar uma determinada meta, quanto da falta da reflexão sobre a relação EU-TU, como diz Martin Buber (1974). Tal relação implica a presença e o diálogo com o outro, dado que é uma relação de alteridade e de responsabilidade.

Isso deixa claro, portanto, que a partir do surgimento dos governos totalitários e da destruição coletiva dos seres humanos e da natureza, faz-se necessário desvelar as camadas que envolvem a bolha social onde os indiferentes encontram espaço e, em conformidade com Gramsci (2020, p. 32), “[...] os destinos de uma época são manipulados segundo visões restritas, interesses imediatos, ambições e paixões pessoais de pequenos grupos ativos, e a massa dos homens ignora pois não se preocupa”. Desse modo, em tempos sombrios é necessária uma ruptura com um sistema político e econômico fechado em si mesmo e a criação de uma comunidade heterogênea e aberta para a hospitalidade.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pretendemos ter demonstrado, ao longo deste estudo, é a necessidade de pensar o fanatismo para além de uma mera questão psicológica. A estrutura social emergente da afirmação de um sistema econômico excludente, os sistemas políticos totalitários, bem como as legitimações teóricas e culturais deste estado de coisas, através da indústria cultural e a da sociedade administrada, são os elementos necessários para que uma compreensão da força reativa do fanatismo nos indivíduos seja satisfatória. Em um mundo onde a formação plena de uma identidade fica em segundo plano e onde os indivíduos precisam lutar diariamente pela sobrevivência num campo social selvagem, não surpreende que a violência contra qualquer forma de alteridade seja o motor dos processos de subjetivação. Uma verdadeira crítica do fenômeno do fanatismo, neste sentido, não pode se furtar de uma crítica da lógica de massificação. Subjetividades frágeis e ameaçadas nunca poderão se abrir ao outro. Fecham-se, ao contrário, em suas

lógicas narcísicas onde para sobreviver precisam exorcizar, a todo momento, tudo o que não se integra em sua visão de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar: 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Trad: Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, Theodor W. *Jargon der Eigentlichkeit*. (Gesammelte Schriften, Band 6). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. Erste Auflage*. (Gesammelte Schriften, Band 4). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980.
- ARENDET, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ADORNO, Theodor W. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1974.
- CIORAN, E. *Breviário de Decomposição*. Trad: José Thomas Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Odeio os indiferentes: escritos de 1917*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- HEGEL, G. W. F. *Princípios da filosofia do direito*. Trad: Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Trad: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.
- OZ, Amós. *Como curar um fanático*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2015. Ebook.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Tradução por Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SAFATLE, Vladimir. *Bem-vindo ao Estado suicidário*. N-1 edições, 2020.
- TOSCANO, Alberto. *Fanaticism: On the uses of an Idea*. London, New York: Verso, 2017.